

A utilização das fontes inquisitoriais no estudo das redes comerciais que envolviam a capitania de Pernambuco Séc. XVI e XVII.

Prof^a Dra. Janaina Guimarães

Os cristãos-novos, judeus convertidos em Portugal no final do século XV (1497), e seus descendentes encontraram no Brasil, e especificamente em Pernambuco, não apenas local de resguardo das perseguições sofridas na Península Ibérica, como também possibilidades de ampliarem suas riquezas, as quais já tinham como base o comércio. Esses indivíduos se espalharam pelo mundo mantendo seus vínculos familiares, econômicos e afetivos com a Península Ibérica.

Esses personagens estavam ligados por redes de parentesco e solidariedade a outros neoconvertos de origem judaica, dispersos pelo mundo, bem como aos judeus de origem portuguesa, devido ao caráter recente da expulsão dos mesmos de Portugal em 1496 e à conversão forçada em 1497. Esse traço é fundamental para a compreensão de como esses homens conseguiram condições para transporem o oceano e desenvolverem, no Brasil, seus empreendimentos quando muitos cristãos-velhos não lograram esse intento. Neste artigo, explanaremos sobre as fontes e as abordagens que guiaram nossa pesquisa, discutindo sucintamente a importância dos estudos sobre o comércio e os comerciantes na América portuguesa e a utilização do conceito de rede para melhor abordá-los.

A análise dos cristãos-novos nas redes de poder da América portuguesa de fins do século XVI e começo do século XVII foi feita por nós através das relações estabelecidas por estes agentes na Capitania de Pernambuco. Yosef Kaplan, em seu estudo sobre Judeus em Amsterdã¹, já explicitava a necessidade de compreendermos a história dos serfardi não apenas através do aspecto religioso e cultural, mas também a partir da história social desses homens. Muito já foi escrito sobre a religiosidade dos

¹KAPLAN, Yosef. **Judios Nuevos en Amsterdam**. Estudios sobre la historia social e intelectual del judaísmo sefardí en el siglo XVII. Barcelona: Gedisa, 1996.

cristãos-novos², sobre sua fidelidade aos preceitos judaicos e a respeito da inserção dos mesmos no mundo católico, sob a égide dos impérios ibéricos. Há ricos estudos que nos servem de apoio ao nos expor os rastros deixados pela documentação, mas que diferem do nosso devido ao foco na questão religiosa.

Não analisamos a ação de um grupo, pois os cristãos-novos não agiram de forma coesa, e sim como uma série de homens portadores de um estigma comum, a origem judaica, que reagiram e se portaram de formas distintas em relação ao peso dessa ascendência. Preferimos o conceito de redes, das quais muitos participavam, mas que muitas vezes se sobrepõem às opções religiosas. Não é a religião que constitui o cristão-novo, mas seu reconhecimento enquanto portador de uma mácula de origem, como era vista a ascendência judaica então. Lembramos que muitos foram judaizantes, mas também houve aqueles que foram laicos e ainda outros que de fato aceitaram a fé da igreja católica.

Interessa-nos como esses homens participaram da produção e comercialização do açúcar, empreenderam negócios de vulto e se fizeram ouvir pelas coroas ibéricas, apesar dessa mácula. Aqui pretendemos abordar por outra ótica a participação dos cristãos-novos nas redes de comércio que envolveram a comercialização do açúcar. Não enquanto comunidade ou grupo coeso, mas enquanto detentores de interesses diversos, e por vezes divergentes. Estes homens partilhavam a cultura Sefardí, desenvolvida na península ibérica, e com o avançar dos anos, desenvolveram vínculos tanto entre sí, pelo reconhecimento de uma ascendência comum, como também com os cristãos velhos com os quais mantiveram diversas parcerias.

É importante salientarmos que muitos cristãos-novos católicos convictos partilharam redes com judeus praticantes. O que uniu por um tempo esses homens foram os laços gerados pela ascendência e origem comuns. Aqui nos referimos à origem portuguesa e à ascendência judaica. Não eram unidos por uma prática religiosa comum

² Entre muitos, podemos citar: FABEL, Nachman (Org); MILGRAM Avraham e DINES, Alberto. **Em Nome da Fé**: Estudos in memoriam de Elias Lipiner. São Paulo: Perspectiva, 1999; LIPINER, Elias. Os Judaizantes nas capitâneas de Cima: Estudos sobre os Cristãos-novos no Brasil nos Séculos XVI e XVII. São Paulo: Brasiliense, 1969; IZECKSOHN, Isaac. **Os Marranos Brasileiros**. Biblioteca Armando Souto Maior. São Paulo: B' NaiBrith, 1967.

como bem frisa Wachtel³. Esses laços vão além das opções religiosas e se reconfiguraram passado o tempo das conversões em fins do século XV.

As consequências da expulsão dos judeus da Península Ibérica foram muitas. Segundo Yerushalmi⁴, ela foi responsável por um fenômeno cultural historiográfico inédito, pois a comunidade judaica produziu uma série de narrativas históricas sobre as expulsões, relacionando-as com os sofrimentos impingidos aos judeus desde os tempos do cativeiro na Babilônia⁵. Nem as cruzadas e nem as expulsões de outros países geraram igual produção literária. Assim, as dispersões em massa e a separação de famílias inteiras foram encaradas pela comunidade como momento único.

O fato de que a maior e mais orgulhosa comunidade judaica da Europa tivesse sido exterminada era trágico suficiente. O significado maior da expulsão espanhola reside no fato de que, como resultado, a Europa ocidental tenha sido esvaziada de judeus.⁶

A compreensão da diáspora sefardí e de suas implicações na construção dos cristãos-novos é imprescindível para nosso trabalho. Nossos personagens são construídos na diáspora e dela detém uma série de características. Eles convivem com outros grupos no novo ambiente, mas trazem de seu núcleo ascendente características marcantes, construídas especificamente para manter a identidade cultural mesmo na dispersão física. Reginaldo Heller tece considerações sobre duas características da diáspora, pensada enquanto conceito sociológico e não apenas geográfico, que nos parecem importante:

a) Solidariedade entre os indivíduos e grupos (comunidades dispersas) que formam a diáspora e que produzem

³ O autor analisa o termo “nação” que incluía tanto judeus quanto cristãos-novos e a flexibilidade dos mesmos em relação às práticas religiosas a partir da criação da “dotar”, fundação para o auxílio de órfãs e viúvas, cujas beneficiárias poderiam ser cristãs-novas ou judias. WACHTEL, Nathan. **A Fé da Lembrança: Labirintos Marranos**. Lisboa: Editorial Caminho, 2002.

⁴ YERUSHALMI, Yosef Hayim. **Zakhor**. História Judaica e memória Judaica. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p.79.

⁵ O cativeiro da Babilônia, marco para a história do povo judaico, é lembrado também como o Jejum de Guedalia, que lembra o assassinato do último governante judeu antes do exílio da Babilônia, em 586 a. C. UNTERMAN, Alan. **Dicionário Judaico de Lendas e Tradições**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992, p. 108.

⁶ YERUSHALMI, Yosef Hayim. Op. Cit., 1992, p.78.

uma organização comunitária destinada a defender os interesses de seus integrantes; b) O dinamismo de todos os seguimentos diaspóricos. As diásporas não são estáticas, elas se expandem e se contraem, não apenas por razões demográficas e/ou políticas, mas também porque os indivíduos têm suas próprias estratégias de vida, as quais são informadas pela identidade coletiva e relacionadas a um passado comum.⁷

Vários autores compreendem a questão da ascendência judaica como determinante na ação desses homens. Nas palavras de João Lucio Azevedo a influência da comunidade judaica em Portugal se deu “Porque a pertinácia da raça estranha podia mais, na sua passividade, que o arbítrio empírico dos governadores e o furor intermitente do populacho”.⁸ O que nos propomos é entender como algumas circunstâncias impostas aos cristãos-novos, como exclusão de vários cargos, as sucessivas proibições de migrarem da Península Ibérica ou mesmo o uso da ação inquisitorial foram por eles enfrentados e utilizados na construção de novas possibilidades de ação.

Destarte os sofrimentos gerados pela dispersão, com as conversões, os cristãos-novos ocuparam espaços onde os judeus não tinham liberdade de ação. Onde não era permitido o judaísmo, os cristãos-novos resguardaram por um tempo os interesses de seus familiares e sócios, agora migrados em busca de liberdade religiosa. Esses homens já traçavam então redes de alcance mundial com base numa ascendência comum, gerando a segurança necessária aos arriscados empreendimentos que caracterizaram o processo de expansão marítima e comercial. Nesse contexto, faz-se necessária uma discussão sobre as bases dessas relações, que Nathan Wachtel vai considerar a primeira experiência de “globalização”⁹; e Braudel já caracterizara, em sua obra *Civilização*

⁷ HELLER, Reginaldo. **Diáspora Atlântica**: a nação judaica no Caribe, séculos XVII e XVIII. Tese de doutoramento, programa de pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense, 2008, p. 442.

⁸ AZEVEDO, J. Lucio. **História dos Cristãos-novos Portugueses**. 3. ed. Lisboa: Clássica Editora, 1989, p. 1.

⁹ WACHTEL, Nathan. **A Fé da Lembrança**: Labirintos Marranos. Lisboa: Editorial Caminho, 2002.

material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII, como o momento do *boom* dos judeus sefarditas.¹⁰

As explicações para a expansão comercial europeia entre os séculos XV e XVIII deixaram, contudo, encoberta a ação desses agentes, sujeitos de vontades e interesses diversos que não eram levados por interesses macroeconômicos, e sim os constituíam. Esse período foi caracterizado por Immanuel Wallerstein¹¹ de desenvolvimento da Economia Mundo. Para esse autor, em fins do século XV e começo do século XVI, se constituiu o que foi chamado por ele de economia europeia mundial, cuja emergência está ligada à política de expansão militar e econômica europeia, à formação dos Estados Nacionais e à diferenciação de formas de trabalho nos vastos locais, entre os quais a escravidão na América. Esse Sistema Mundo e os conceitos de centro e periferia por ele desenvolvidos têm sido bastante utilizados para explicar o desenvolvimento de mercados internacionais. Contudo, a ênfase nos centros europeus em detrimento de outros polos de autoridade e decisão ultramarinos acaba conferindo papéis pré-determinados a esses espaços, que nós entendemos como potencialmente de negociação.

Vários autores atentaram para a importância dessas redes de solidariedade no estabelecimento de cristãos-novos em diversos empreendimentos. Ao estudar a presença judaica na América durante a era colonial, Avini¹² observa o contínuo contato entre cristãos-novos e judeus ao longo dos séculos XVI e XVII. Para esse autor, foi a ascendência comum que ligou os elementos dispersos fisicamente e que não, necessariamente, professavam a mesma religião.¹³

De Lisboa ao Báltico, das praças da Alemanha central às cidades do Adriático e do Mediterrâneo oriental, a Salónica e a Alexandria, os grupos sefarditas estão por toda a parte, ágeis e ductís, assentes numa estrutura

¹⁰ BRAUDEL, Fernad. *Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV – XVIII*. v. 1. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p.134.

¹¹ WALLERSTEIN, Immanuel. **O sistema mundial moderno**. Porto: Afrontamento, 1974.v. 1.

¹² AVNI, Haim. **Judíos en América: Cinco Siglos de Historia**. Madrid: Editorial MAPFRE, 1992.

¹³ Muitos ainda que o fizessem não podia expor sua fé religiosa, coagidos que foram pelas perseguições e proibições a que estavam submetidos, principalmente nos impérios católicos.

empresarial que, um dia, faria Werber Sombart dizer que estas comunidades inventaram o capitalismo, tal a importância dos judeus na sua construção.¹⁴

Contudo, essas redes não podem ser pensadas apenas enquanto continuidade de laços, mas também como rupturas e reestruturação. Para tanto, alguns procedimentos e conceitos precisam ser revisitados. Entre vários autores que nos auxiliaram na compreensão da dinâmica das redes comerciais das quais participavam cristãos-novos, Pilar Huerga Criado, em seu trabalho sobre as redes familiares entre Castela e os Países Baixos, nos aponta a necessidade de cruzarmos os dados provenientes das fontes ibéricas com aqueles oriundos de fontes judaicas. Para essa autora, essas redes de comércio se articulavam em torno das famílias, cujas ligações internas eram o veículo para os intercâmbios econômicos e religiosos¹⁵.

Sua pesquisa nos remete a importância da utilização de fontes judaicas, fundamentais a nossa pesquisa na medida em que são nas atas das diversas comunidades judaicas constituídas que encontraremos alguns dos elementos por nós estudados. Não podemos esquecer também que a publicação do acervo notarial de Amsterdã¹⁶ ocorreu por iniciativa do então líder da comunidade judaica daquele país em 1963, só depois contando com o apoio de instituições de pesquisa.

As funções dentro dessas redes e as colaborações iam desde o núcleo de convivência até os demais membros da família, mais ou menos próximos, independentemente da localização geográfica dos mesmos. Laços de amizade, vizinhança e parentesco também compunham essas redes. As mesmas foram forjadas no

¹⁴ ALMEIDA, A. Marques. **Do Zangão ao Mel**: Uma metáfora sobre a diáspora sefardita e a formação das elites financeiras na Europa (séc.XV-XVII). Revista Oceanos, nº 29, diáspora e expansão. Jan./mar., 1997. P. 25-35.

¹⁵ CRIADO, Pilar. *Entre castilla y los Países Bajos: lazos familiares y relaciones personales*. In: CONTRERAS, Jaime (Org.). **Família, Religion y Negocio**: El sefardismo en las relaciones entre el mundo ibérico y los países bajos en la edad moderna. Alcalá: Fundacion Carlos Amberes y ministerios de asuntos exteriores, 2002. p.41

¹⁶NOTORIAL RECORDS IN AMSTERDÃ RELATING TO THE PORTUGUESE JEWS. In: **Studia Rosenthaliana**: Journal for jewish literature and history in the Netherlands, University Library of Amsterdã. Vol. I ao XV (publicados desde 1967, coleção acervo Instituto Ricardo Brennand).

êxodo imposto pelas expulsões da Península Ibérica, assim, não foram rompidas pela distância, ao contrário, se expandiram tomando dimensões internacionais.

Bernardo Lopéz Belinchón também nos auxilia na compreensão dessas redes de comércio através de seu artigo intitulado “ Familia, Negocios y Sefardismo”¹⁷, no qual explica a necessidade de entendermos o conceito de família estendida, constituída por vários núcleos menores, dispersos espacialmente, mas unidos por vínculos de parentesco consanguíneos ou não. O autor enfatiza a importância das mesmas no momento em que a Espanha proíbe o comércio com os Países Baixos em luta por sua independência. Nesse momento, os cristãos-novos portugueses, através de suas relações com os judeus estabelecidos fora do reino, conseguiam a confiança necessária ao lucrativo mercado de contrabando. O autor define uma casa de negócios como:

Una empresa de base familiar con diversidad de negocios y una red de agentes distribuidos por los principales centros económicos, cuya dirección recaía sobre un miembro de dicha familia situado en una sede central y que actuaba como coordinador del resto de la familia y de la red de agentes.¹⁸

Belinchón ainda nos oferece uma divisão de três níveis nas redes comerciais que nos parece interessante descrever. O primeiro seria formado pelo núcleo do patriarca geralmente situado na sede dos negócios, na qual eram centralizadas as informações e traçadas as estratégias de ação. O segundo seria composto por outros membros dessa família estendida, como irmãos e cunhados situados em pontos-chaves da rede de comércio. E o terceiro nível seria o mais extenso, formado por agentes e correspondentes que não estavam unidos por laços de parentesco direto, mas que compartilhavam a origem e confiança para realização de negócios a longa distância.

Outro ponto citado pelo autor que nos parece importante destacar é a relação entre várias redes de comércio. Ao falarmos de redes sefardis, somos facilmente levados a entender tratar-se de um só agrupamento, no qual todos os membros da mesma origem

¹⁷BELINCHÓN, Bernardo Lopéz. Familia, negocio y sefardismo. IN: CONTRERAS, Jaime (org.) *op Cit*, 2002.

¹⁸ Idem, p. 351.

estariam incluídos. Contudo, trata-se de várias redes, com interesses convergentes e também divergentes. Ao mesmo tempo em que ocorre a cooperação entre redes diferentes, levando a uma teia negocial de proporções imensas, ocorrem também casos de lutas e enfrentamentos entre redes concorrentes, algumas levando inclusive a delações ao Santo Ofício, como forma de barrar a concorrência.

Entre as pesquisas mais recentes, quatro teses contribuíram para nossa compreensão da dinâmica das redes comerciais das quais participavam cristãos-novos. Primeiro citamos *Globalization in the early modern period: the economic relationship between Amsterdam and Lisbon, 1640-1705*,¹⁹ de Catia Antunes, cuja obra explana sobre a diversidade cultural de Amsterdã e a fácil interação entre os judeus portugueses e demais “refugiados” europeus ali estabelecidos.²⁰ A autora pretende analisar o impacto destas conexões Amsterdã-Lisboa na constituição do sistema atlântico. Primeiro observando a preponderância do atlântico em relação a outras zonas nos contratos comerciais por ela analisados. Depois observando a composição dessas redes, em sua pluralidade, em diferentes tempos e áreas. Contribuindo para nossa compreensão das relações entre os supracitados centros comerciais e das condições de que dispunham os judeus que optavam por deixar Portugal e o cristianismo imposto por terras de tolerância religiosa.

Leonor Costa, em seu já citado *O Transporte no Atlântico e a Companhia Geral do Comércio do Brasil, 1580-1663*²¹, analisa a participação de comerciantes portugueses no comércio do açúcar pernambucano, e entre eles vários cristãos-novos. A presença cristã-nova nesse comércio, ainda que não seja o foco de sua tese, é fundamental para chegar ao que se propõe: compreender a construção da Companhia Geral do Comércio do Brasil. Como explica na introdução de sua tese:

¹⁹ ANTUNES, Catia. **Globalization in the early modern period: the economic relationship between Amsterdam and Lisbon, 1640-1705**. Aksant: Amsterdam, 2004.

²⁰ A autora explana sobre a ascensão de Amsterdã à maior centro comercial europeu e seu papel em abrigar os refugiados dos diversos conflitos no continente, entre eles aqueles fugidos da guerra dos 30 anos. ANTUNES, Catia. Op. Cit.,2004.

²¹ COSTA, Leonor. Op. Cit.,2002.

É apenas tangencial às preocupações centrais desse trabalho o estudo do comércio do açúcar e dos grupos sociais com ele diretamente relacionados. Só na medida em que tais agentes das trocas contribuem para esclarecer as conjunturas do tráfego se considerou relevante voltar-lhes alguma atenção.

A autora propõe que, a partir das primeiras décadas do século XVII, desmotivados pela crise entre os anos de 1612 e 1623, os cristãos-novos começaram a abandonar o comércio açucareiro para investirem em outros negócios. O que a autora faz é levantar os dados sobre os comerciantes, cristãos-novos ou velhos, que permaneceram no comércio açucareiro e tiveram um papel fundamental da formação da Companhia Geral de Comércio. Sua importante pesquisa, no entanto, não distingue os comerciantes que estavam sediados em Lisboa, no Porto ou em alguma outra cidade portuguesa daqueles que estavam estabelecidos na América Portuguesa. Essa localização é fundamental a compreensão da atitude de certos agentes, pois os comerciantes que apenas frequentava as praças mercantis portuguesas tinham outras condições, que os possibilitava investir dividendos em outras empreitadas. Situação completamente distinta daqueles que se estabeleceram na Capitania de Pernambuco e nela não só desenvolveram suas práticas comerciais como por vezes formaram família e se fixaram permanentemente.

Contudo, a multiplicidade dessas redes nos coloca diante de uma ação imprescindível ao historiador que trabalha com os partícipes de redes comerciais transoceânicas: conectar historiografias²². Os diversos historiadores que estudam redes o

²²N do A. Lembramos, para tanto, o texto de Silvia Hunold Lara, intitulado “Conectando historiografias”, sobre a necessidade de conectarmos as historiografias relativas a ações e valores dos escravizados com aquelas sobre os grandes senhores e autoridades coloniais. “Mais do que simplesmente juntar as metades de uma laranja, trata-se de estabelecer conexões que permitam pensar relações históricas cada vez mais complexas.” LARA, Silvia Hunold. *Conectando historiografias: a escravidão africana e o Antigo Regime na América portuguesa*. In: BICALHO, Maria Fernanda; FERLINE, Vera Lúcia Amaral (org.). **Modos de Governar: ideias e práticas no Império português, Séculos XVI-XIX**. São Paulo: Alameda, 2005, p.38.

fazem num recorte temático e espacial específico, seja pelo foco no tráfico de escravos, nos grupos mercantis, nos portos ou no transporte, ou neste ou naquele entreposto comercial. Um ou outro personagem, entretanto, acaba por aparecer numa documentação primária que por ele não foi tocada, já que não se enquadrava em sua área de busca. Assim, é fundamental que consultemos o mais amplamente possível os estudos sobre comércio no período por nós estudado para que nos forneçam rastros para completar nosso quadro de informações.²³

Compreender os cristãos-novos como partícipes de uma cultura sefardi não é aprisioná-los. Pois, como definiu Gizburg, a cultura é uma jaula flexível, e não uma prisão na qual só são possíveis ações pré-determinadas²⁴. Nessa perspectiva, utilizamos a micro-história, entendida por nós não em contraposição à História Social, mas como uma metodologia que enriquece a análise do social a partir da inclusão de uma série maior de variáveis²⁵.

A abordagem micro-histórica nos ajuda a pensar esses homens enquanto detentores de capacidade de escolha e negociação. As ações individuais, familiares ou de redes podem ser apreendidas a partir da análise de nossa documentação, através da qual emergem acordos, adaptações e posturas que contrastam com algumas análises macro-históricas, tornadas clássicas, entre as quais destaco *Inquisição e cristãos-novos*, de José Antonio Saraiva²⁶, e *História dos judeus em Portugal*, de Meyer Kayserling.²⁷ A micro-história tem como pressuposto basilar a mudança de escala, mudança esta que não diz respeito à variação do tamanho do que é observado, significando, sim, a criação de novas possibilidades de entendimento, ela produz “efeitos de conhecimento”.²⁸

²³ N do A. A nenhum historiador seria possível o estudo amplo e ao mesmo tempo minucioso de todas as redes de comércio vigentes em fins do século XVI e começo do XVII. Assim sendo, a consulta a pesquisas relativas a outros recortes espaciais no mesmo período tomam uma importância muito grande.

²⁴ GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes: O Cotidiano e as Ideias de um Moleiro Perseguido pela Inquisição**. 3. ed. São Paulo: Companhia da Letras, 2004. p. 17.

²⁵ REVEL, Jacques. **Jogos de escalas: A Experiência da Microanálise**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

²⁶ SARAIVA, António José. **Inquisição e Cristãos-Novos**. 5. ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1985.

²⁷ KAYSERLING, Meyer. **História dos Judeus em Portugal**. São Paulo, Livraria Pioneira Editora, 1971.

²⁸ “Redução de escala, o interesse por destinos específicos, por escolhas confrontadas a limitações, convidam a não se deixar subjugar pela tirania do fato consumado - aquilo que efetivamente aconteceu - e a analisar as

Buscamos em nossa tese analisar, através da documentação processada, essa rede de ligações. Temos os nomes de nossos personagens como ponto de partida para desvelar a teia na qual se envolveram, primeiramente delineadas com base em destinos individuais e então confrontada com um *corpus* documental, nos quais, conforme Gizburg (1989), “as linhas que convergem para o nome [do cristão-novo] ou dele partem, compondo uma espécie de teia de malha fina, dão ao observador a imagem gráfica do tecido social em que o indivíduo está inserido”.²⁹

Essa rede de ligações foi elaborada a partir de uma relação de 165 homens cristãos-novos que estiveram em Pernambuco no período por nós estudado (1580-1630). Para construir essa relação, nos detivemos primeiramente naqueles que foram citados nas visitas inquisitórias de 1591-1595 e de 1618-1620. Esses homens e os processos decorrentes dessas inquirições passaram por outra triagem referente não só a seu reconhecimento enquanto cristão-novo, mas em relação à atividade que exerciam. Separamos então aqueles que eram apontados como senhores de engenho³⁰, lavradores e comerciantes. O universo traçado por esse procedimento foi se alargando na medida em que avançávamos na consulta das fontes, de origens diversas, mas que nos permitiram localizar e delimitar as ações desses homens na Capitania de Pernambuco em suas diversas atividades, seja enquanto rendeiros de dízimos, membros da câmara de Olinda, ou como capitães nas conquistas da Paraíba ou do Rio Grande do Norte.

No cruzamento dessa documentação diversa, observamos as trajetórias de nossos personagens. Muitos foram citados no *Index dos diversos tabeliões de Lisboa*³¹, em

condutas individuais e coletivas em termos de possibilidade, que o historiador pode tentar descrever e compreender”. REVEL, Jacques. *A História ao Réis do chão*. In: LEVI, Giovanni. **A Herança Imaterial: Trajetória de um Exorcista no Piemonte do Século XVII**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 22-23.

²⁹GINZBURG, Carlo (org.). **A Micro-História e Outros Ensaio**. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989, p. 206.

³⁰ N do A. Essas informações foram confrontadas com as listagens de engenho que dispomos para o período, além das geradas pela visita, a de 1609, de Diogo do Campos Moreno, e a de 1623, de Israel d Costa. **Fontes Para a História do Brasil Holandês: A Economia Açucareira**. Documentos traduzidos e organizados por José Antônio Gonsalves de Mello. v. 1, Recife: CEPE/Parque Histórico Nacional dos Guararapes, 1981.

³¹**INDEX das Notas de Varios Tabelliães de Lisboa, entre os Annos de 1580 e 1747**. 4vols, Lisboa: [s.n.], 1930.

vários fólios dos cadernos do Promotor, como receptores ou embarcadores de açúcar para o reino ou para os Países Baixos nos arquivos notariais holandeses. Citados também nas listas de receitas e despesas do Brasil ou nas diversas correspondências administrativas.

Pensando nossos personagens, os comerciantes de origem cristã-nova, é importante ainda atentarmos para o cuidado necessário com o uso das classificações socioprofissionais para não naturalizarmos nossos personagens enquanto mercadores ou senhores de engenho, ou funcionários da coroa. Cuidado especial a ser tomado tendo em vista nosso objeto de estudo, as redes de comércio e as muitas funções exercidas por esses homens³². Esses indivíduos foram identificados como da Nação ou cristãos-novos na documentação inquisitorial, nos registros notariais de Amsterdã, nos documentos do Arquivo Ultramarino ou em outros. A materialidade dos mesmos nas fontes se dá a partir do reconhecimento enquanto outro. A inclusão de um homem e sua trajetória, em nosso banco de dados, passa por esse reconhecimento.

Nessa trajetória, para a compreensão de nosso objeto e das fontes que dispomos para estudá-lo, é fundamental que façamos a diferenciação entre fonte e documento. O documento só se torna fonte histórica no momento em que responde a nossas interrogações. É a partir do que perguntamos ao documento, no trajeto de nossa busca, que construímos as nossas fontes históricas. E, ainda dependendo do que perguntamos, os documentos, transformados em fonte, podem ser mais ou menos informativos³³. Assim, algumas das fontes por nós utilizadas não se referem diretamente à América portuguesa, muito menos a Capitania de Pernambuco, como a *Corografia portuguesa* do padre Antônio Carvalho da Costa³⁴ ou o *Idex de notas do Tabelionato de Lisboa*. Contudo, nelas, através do nome, como fio condutor, chegamos a nossos personagens.

³² N do A. Homens que podiam ser apenas comerciais, como caixeiros, agentes a serviço de comerciantes maiores ou grandes comerciantes responsáveis por sua própria mercadoria, mas que podiam também juntar essas atividades com a posse de engenhos, a cobrança de dízimos ou o exercício de cargos públicos.

³³ LARA, Silvia Hunold. **Os documentos textuais e as fontes do conhecimento histórico**. [S.l]: Porto Alegre, [199-]. v. 15, n. 28, p.17-39, dez. 2008.

³⁴ COSTA, Padre Antônio Carvalho da. **Corografia Portuguesa e descripamtopographica do famoso Reyno de Portugal**. 3 Vol. Braga: Typographia de Domingos Gonçalves Gouvea, 1868.

As genealogias dos séculos XVII e XVIII³⁵ também constituíram, assim, interessante fonte documental na medida em que nos dão as ligações familiares e a localização de muitos cristãos-novos. Além de, por vezes, apontarem suas profissões, cargos e títulos.

Também se faz necessária uma contextualização do processo de produção das fontes. Sejam estas documentações administrativas, processos inquisitoriais, crônicas ou registros notariais. É imprescindível que nos questionemos o porquê dessa documentação, qual era sua função no momento em que foi construída e ainda o percurso que a mesma percorreu até chegar a nosso conhecimento.

A documentação gerada pela Inquisição é fundamental para que entendamos as minúcias das relações estabelecidas por esses cristãos-novos na América portuguesa. Apesar da ausência de um tribunal inquisitorial estabelecido no Brasil, as visitas feitas por representantes da Inquisição geraram ampla documentação, que é por nós estudada.

A visita, como o nome indicava, era uma jornada de inspeções de caráter semelhante ao das que faziam em suas dioceses os prelados e tinha por aparente objeto instigar ao arrependimento e às confissões, pela oferta de misericórdia, aos culpados contra a fé. De facto era uma espécie de operação policial, praticada menos no intuito de absolver os pecadores contrictos, que de extorquir denúncias contra os contumazes que não se apresentavam.³⁶

As primeiras visitas ao Brasil, ocorridas nas capitanias da Bahia e Pernambuco, datam de 1591 até 1595, essa rica documentação³⁷ foi sistematicamente publicada desde o começo do século XX, a partir de pioneira iniciativa de Capistrano de

³⁵ GAYO, Manuel Felgueiras. **Nobiliário de Famílias de Portugal**. 12 vols. BRAGA, Carvalhos de Basto, 1989-1990; MORAIS, Cristóvão Alão de. **Pedatura Lusitana-Hispânica, Nobiliário de Famílias de Portugal**. 7 vols. Porto: Livraria Fernandes Machado, 1942; ABECASSIS, José Maria. **Genealogia Hebraica: Portugal, e Gibraltar, séc. XVII-XX**. 5 vols. Lisboa: José Maria Abecassis, 1990-1991.

³⁶ AZEVEDO, J. Lucio. Op. Cit., 1989.

³⁷ Um total de 409 denúncias e 183 confissões, entre as quais 240 denúncias e 39 confissões foram em Pernambuco. Lembramos ainda que muitos moradores de Pernambuco foram denunciado ainda quando o Visitador estava na Bahia, como é o caso das denúncias sobre os cristãos-novos Duarte Dias Fernandes e João Nunes. Essa documentação foi bastante explorada por nós em nossa dissertação de mestrado. Ver: SILVA, Janaina Guimarães da Fonseca e. **Modos de Pensar e Maneiras de Viver: Cristãos-novos em Pernambuco no século XVI** Dissertação de mestrado apresentada ao programa de pós-graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, 2007.

Abreu, seguida logo por Paulo Prado e, mais recentemente, por Ronaldo Vainfas.³⁸ A segunda visitação, que data de 1618 a 1620, foi publicada nos anos sessenta do século passado, nos Anais do Museu Paulista, como extenso prefácio de Sonia Siqueira e Eduardo D'Oliveira França.³⁹

A partir da análise dessas fontes observamos que as condições coloniais propiciaram a esses homens uma maior interação com os cristãos velhos na capitania ao mesmo tempo em que também permitia a manutenção dos vínculos com a comunidade judaica de Amsterdã. Essas relações foram fundamentais as estratégias desenvolvidas por estes cristãos-novos a partir das quais reagiram às dificuldades impostas ao comércio na América portuguesa.

Lembramos por fim que o período em questão é extremamente carente de fontes coesas, que permitam um olhar mais detalhado sobre o funcionamento do comércio ultramarino. O que nós conseguimos aqui foi um montar um quadro de análise a partir destas fontes que poderá e deverá ser enriquecido pelos futuros estudos que busquem descortinar o papel dos comerciantes e das várias redes transoceânicas nos primeiros séculos de presença europeia na América portuguesa.

Bibliografia

ABECASSIS, José Maria. **Genealogia Hebraica:**Portugal, e Gibraltar, séc. XVII-XX. 5 vols. Lisboa: José Maria Abecassis, 1990-1991.

³⁸ FUNDARPE. **Primeira Visitação do Santo Ofício às Partes do Brasil - Denúncias e Confissões de Pernambuco 1593-1995.** Coleção Pernambucana, 2ª fase, vol. XIV. Recife: FUNDARPE. Diretoria de Assuntos Culturais, 1984; *Primeira Visitação do Santo Ofício às Partes do Brasil Pelo Licenciado Heitor Furtado de Mendonça - Confissões da Bahia, 1591/1592.* Rio de Janeiro: F. Briguiet& Cia. Ed., 1935.

³⁹ ANAIS DO MUSEU PAULISTA. **Segunda Visitação do Santo Ofício às partes do Brasil pelo inquisidor e visitador o licenciado Marcos Teixeira.** Livro das Confissões e Ratificações da Bahia - 1618-1620. Tomo XVII. Introdução de Eduardo d'Oliveira França e Sônia Siqueira. São Paulo: 1963.

ALMEIDA, A. Marques. **Do Zangão ao Mel:** Uma metáfora sobre a diáspora sefardita e a formação das elites financeiras na Europa (séc.XV-XVII). Revista Oceanos, nº 29, diáspora e expansão. Jan./mar., 1997.

ANAIS DO MUSEU PAULISTA. **Segunda Visitação do Santo Ofício às partes do Brasil pelo inquisidor e visitador o licenciado Marcos Teixeira.** Livro das Confissões e Ratificações da Bahia - 1618-1620. Tomo XVII. Introdução de Eduardo d'Oliveira França e Sônia Siqueira. São Paulo: 1963.

ANTUNES, Catia. **Globalization in the early modern period:** the economic relationship between Amsterdam and Lisbon, 1640-1705. Aksant: Amsterdam, 2004.

AVNI, Haim. **Judíos en América:** Cinco Siglos de Historia. Madrid: Editorial MAPFRE, 1992.

AZEVEDO, J. Lucio. **História dos Cristãos-novos Portugueses.** 3. ed. Lisboa: Clássica Editora, 1989.

BELINCHÓN, Bernardo Lopéz. Familia, negocio y sefardismo. IN: CONTRERAS, Jaime (org.) *op Cit*, 2002.

BRAUDEL, Fernad. Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV – XVIII. v. 1. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

COSTA, Padre António Carvalho da. **Corografia Portuguesa e descripçãmtopographica do famoso Reyno de Portugal.** 3 Vol. Braga: Typographia de Domingos Gonçalves Gouvea, 1868.

CRIADO, Pilar. *Entre castilla y los Países Bajos: lazos familiares y relaciones personales.* IN: CONTRERAS, Jaime (Org.). **Família, Religion y Negocio:** El sefardismo en las relaciones entre el mundo ibérico y los países bajos en la edad moderna. Alcalá: Fundacion Carlos Amberes y ministérios de asuntos exteriores, 2002.

FABEL, Nachman (Org); MILGRAM Avraham e DINES, Alberto. **Em Nome da Fé:** Estudos in memoriam de Elias Lipiner. São Paulo: Perspectiva, 1999.

FontesPara a História do Brasil Holandês: A Economia Açucareira. Documentos traduzidos e organizados por José Antônio Gonsalves de Mello. v. 1, Recife: CEPE/Parque Histórico Nacional dos Guararapes, 1981.

FUNDARPE. **Primeira Visitação do Santo Ofício às Partes do Brasil - Denúncias e Confissões de Pernambuco 1593-1995.** Coleção Pernambucana, 2ª fase, vol. XIV. Recife: FUNDARPE. Diretoria de Assuntos Culturais, 1984; *Primeira Visitação do Santo Ofício às Partes do Brasil Pelo Licenciado Heitor Furtado de Mendonça - Confissões da Bahia, 1591/1592.* Rio de Janeiro: F. Briguiet& Cia. Ed., 1935.

GAYO, Manuel Felgueiras. **Nobiliário de Famílias de Portugal.** 12 vols. BRAGA, Carvalhos de Basto, 1989-1990; MORAIS, Cristóvão Alão de. **Pedatura Lusitana-Hispânica, Nobiliário de Famílias de Portugal.** 7 vols. Porto: Livraria Fernandes Machado, 1942.

GINZBURG, Carlo (org.). **A Micro-História e Outros Ensaio.**Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes:** O Cotidiano e as Ideias de um Moleiro Perseguido pela Inquisição. 3. ed.São Paulo: Companhia da Letras, 2004.

HELLER, Reginaldo. **Diáspora Atlântica:** a nação judaica no Caribe, séculos XVII e XVIII. Tese de doutoramento, programa de pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense, 2008.

INDEX das Notas de VariosTabelliães de Lisboa, entre os Annos de 1580 e 1747.4vols, Lisboa: [s.n.], 1930.

IZECKSOHN, Isaac. **Os Marranos Brasileiros**. Biblioteca Armando Souto Maior. São Paulo: B' NaiBrith, 1967.

KAPLAN, Yosef. **Judios Nuevos en Amsterdam**. Estudios sobre la historia social e intelectual del judaísmo sefardí en el siglo XVII. Barcelona: Gedisa, 1996.

KAYSERLING, Meyer. **História dos Judeus em Portugal**. São Paulo, Livraria Pioneira Editora, 1971.

LARA, Silvia Hunold. *Conectandohistoriografias: a escravidão africana e o Antigo Regime na América portuguesa*. In: BICALHO, Maria Fernanda; FERLINE, Vera Lúcia Amaral (org.). **Modos de Governar: ideias e práticas no Império português, Séculos XVI-XIX**. São Paulo: Alameda, 2005.

_____. **Os documentos textuais e as fontes do conhecimento histórico**. [S.l]: Porto Alegre, [199-]. v. 15, n. 28, p.17-39, dez. 2008.

LIPINER, Elias. **Os Judaizantes nas capitanias de Cima: Estudos sobre os Cristãos-novos no Brasil nos Séculos XVI e XVII**. São Paulo: Brasiliense, 1969.

NOTORIAL RECORDS IN AMSTERDÃ RELATING TO THE PORTUGUESE JEWS. In: **Studia Rosenthaliana**: Journal for jewish literature and history in the Netherlands, University Library of Amsterdã. Vol. I ao XV (publicados desde 1967, coleção acervo Instituto Ricardo Brennand).

REVEL, Jacques. *A História ao Réis do chão*. In: LEVI, Giovanni. **A Herança Imaterial: Trajetória de um Exorcista no Piemonte do Século XVII**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

REVEL, Jacques. **Jogos de escalas: A Experiência da Microanálise**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

SARAIVA, António José. **Inquisição e Cristãos-Novos**. 5. ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1985.

UNTERMAN, Alan. **Dicionário Judaico de Lendas e Tradições**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

WACHTEL, Nathan. **A Fé da Lembrança: Labirintos Marranos**. Lisboa: Editorial Caminho, 2002.

YERUSHALMI, Yosef Hayim. **Zakhor**. História Judaica e memória Judaica. Rio de Janeiro: Imago, 1992.